



DO ARMÁRIO PARA A UNIVERSIDADE

João Paulo Queiroz Xavier Fernandes
Clara Letícia de Araújo Dantas

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

jpaulo.qxavier@gmail.com

araujodeclara@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever impressões obtidas a partir de atividades realizadas durante o cumprimento da disciplina Comunicação e Diversidade Cultural, ministrada pela Prof^a Dr^a Maíra Nunes, do curso de Comunicação Social com ênfase em Educomunicação da Universidade Federal de Campina Grande. Ao longo da disciplina, os discentes: João Paulo Queiroz Xavier Fernandes e Clara Letícia de Araújo Dantas coletaram informações através de entrevistas feitas com cinco estudantes da UFCG. No decorrer do questionário, foram abordados temas como representatividade, lesbofobia, influência da mídia, estereótipos e feminismo. A partir de então, foi possível a averiguação das percepções que mulheres (lésbicas ou bissexuais) universitárias têm tanto do grupo ao qual fazem parte quanto de si mesmas.

Palavras-chave: Lesbianidade. Bissexualidade. Visibilidade. Universidade.

INTRODUÇÃO

De acordo com Stuart Hall (2006), as identidades culturais se constroem segundo as formas de pertencimento a culturas étnicas, religiosas, de gênero, sexuais, etc. Nesse contexto, mais especificamente a partir dos anos 1970, surgem os movimentos culturais, criados a partir do “interesse na emergência de formações culturais que oferecem focos de resistência às estruturas dominantes de poder” (HALL, 2006, s/p).

É indiscutível que o meio acadêmico é um ambiente de extrema diversidade, onde há

relações de sociabilidades e trocas políticas. No entanto, muitas vezes essas trocas se dão exclusivamente entre os membros de determinado grupo, geralmente subalternizados historicamente, como Weeks (2001) argumenta:

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distinta e uma identidade a ela associada (WEEKS, 2001, p. 65).



Tais relações, que se dão dentro da marginalidade, são reflexos da falta de representação desses agentes dentro da sociedade ocidental – e, no que se refere às lésbicas, dentro também do próprio meio LGBT –, ainda tão apegada a valores patriarcais de uma realidade opressora e machista. Nesse sentido, surge a necessidade de dar voz a esses agentes, proporcionando um momento de análise crítica individual e do grupo a que pertencem.

METODOLOGIA

Sabendo-se que o grupo social/cultural escolhido enquanto objeto de estudo contempla o movimento LGBT, foi feito um recorte para tratar de estudantes universitárias – mais especificamente da UFCG – que se identificam como lésbicas ou bissexuais.

Entramos em contato com 05 (cinco) estudantes de graduação, de idade entre 18 e 25 anos, dos cursos de: Comunicação Social, Design de Produtos, Engenharia de Minas, História e Pedagogia, todas da Universidade Federal de Campina Grande.

O contato inicial com as entrevistadas – tanto das áreas de Ciências Humanas quanto de Ciências Exatas – se deu através de um grupo secreto chamado UFCGay, na rede social Facebook,

que, além de atuar como campo libertário para estudantes LGBT, onde estes têm autonomia para compartilhar experiências pessoais e situações cotidianas, consiste em um cyberspaço que propicia reflexões críticas aos seus membros.

Justificando e relacionando a comunicação propriamente dita às minorias representadas pelos movimentos sociais, Gohn (2000, p. 23) afirma que “ter acesso aos meios de comunicação parece ser um ponto central nas agendas das estratégias políticas dos movimentos”.

Em um segundo contato, presencial, dado a partir de um questionário aberto – com foco na pesquisa qualitativa, elaborado especialmente para nortear a entrevista – e registrado em vídeo, tornou-se possível a coleta de dados e, em seguida, a criação de um breve documentário para apresentação dos resultados obtidos em sala de aula, e que deu uma perspectiva para construção do artigo científico.

Questionário – (Qualitativo)

1. Você já foi vítima de preconceito dentro da universidade por ser lésbica ou bissexual?
2. Já presenciou alguma discriminação de



lesbofobia dentro da universidade?

3. Já passou por algum constrangimento em um trabalho e/ou projeto acadêmico por ser lésbica ou bissexual?

4. Você acredita que a universidade ainda é um ambiente predominantemente machista?

5. Acredita que, por ser mulher, lésbica ou bissexual, você seja subestimada ou até mesmo subjugada, dentro da universidade?

6. O que você acha da representatividade lésbica ou bissexual na academia? Você acredita que é algo presente em instituições de ensino superior?

7. Você sente que existe invisibilidade no que se refere às mulheres lésbicas e bissexuais, dentro do movimento LGBT? Por quê?

Resultados e Discussão

A comunicação, enquanto recurso educativo, exerce a função de questionadora da opinião pública a respeito de diferentes informações e perspectivas. Dessa forma, permite a formação de ideias dentro e fora dos movimentos.

A identidade é um importante elemento a ser considerado na análise de um movimento social e deve ser buscada em seu projeto e não apenas nas representações geradas ou construídas pelo movimento, seja para si ou para os outros. Ela não existe apenas no plano ideacional, uma vez que não se trata de uma categoria simbólica ou de natureza exclusivamente cultural. Ela confere tanto um caráter progressista quanto conservador aos movimentos sociais (GOHN, 2000, p. 262).

Sendo assim, podemos considerar o grupo social escolhido enquanto objeto de análise como duplamente marginalizado: primeiro, por ser composto por mulheres; segundo, pelo fato de seus membros serem homossexuais.

Os primeiros estudos que tratavam a temática da sexualidade preocupavam-se inicialmente com a diferenciação entre os sexos e afirmavam a existência de um sexo único: o masculino. Nessa concepção, a mulher era uma variação inferior deste, sendo vista como um homem invertido (LAQUEUR, 2001, p. 41).

Entre os temas abordados, um dos mais polêmicos foi o preconceito na vida acadêmica. Todas concordaram que o fato de estudarem em uma instituição de ensino superior – um lugar que, supostamente, deveria abrigar pessoas muito esclarecidas e ativas intelectualmente – não exclui a possibilidade de serem vítimas de



homofobia.

Eu já sofri preconceito porque sou do curso de Pedagogia e, como trabalho com crianças, já pude ver como tem pessoa que, sem conhecer a mim ou ao meu trabalho, me aponta como se eu não fosse uma pessoa capaz ou que não devesse lidar com crianças, porque sou mau exemplo pelo simples fato de ficar com mulheres. (Informação verbal – Bela, 24 anos)

Foi posta também pelas entrevistadas a falta de visibilidade dentro do próprio meio LGBT, grupo constantemente conectado às lésbicas, mas que pouco cria pautas e reivindica direitos que dizem respeito a elas. Além de afetar seus participantes, cria uma imagem falha para quem vê de fora. Como ressaltou a estudante de Design de Produtos, Ana, de 23 anos: "Sempre quando se fala em Parada do Orgulho Gay, a primeira ideia que as pessoas têm é do homem gay".

Visto que cada movimento busca condições mínimas para que se inicie um processo de resgate de cidadania, as necessidades das lésbicas enquanto grupo social – sejam estas de cunho social, profissional, acadêmico, político ou referentes à saúde – têm se mostrado pouco cobradas, uma vez que estas são sempre reivindicadas juntamente ao grupo LGBT como um todo, espaço onde, por mais contraditório que pareça, as

mulheres – principalmente lésbicas e bissexuais – ainda são vistas como segundo plano, tendo menos visibilidade que os homens gays, por exemplo.

No que diz respeito à vida política no Brasil, apesar dos anos de luta organizada pelas mulheres, ainda é perceptível a sub-representatividade feminina, sobretudo, lésbica.

A partir da segunda metade dos anos 1990, houve um adensamento da teia de sustentação de grupos exclusivamente formados por lésbicas, o fortalecimento da participação lésbica nos grupos mistos, o surgimento de novos grupos (especialmente ONGs) e de novas lideranças. Ocorreu também uma mudança na relação entre estes grupos e o Estado brasileiro, bem como com outros movimentos sociais organizados, como o homossexual, o feminista, o feminismo negro e o negro (ALMEIDA, 2005, p. 250).

A comunicação, nesse sentido, figura como uma atividade política e seus profissionais como agentes sociais que têm a função de "provocar a participação, promovendo a educação e o exercício da cidadania", privilegiando "o papel do sujeito humano na dinâmica social" (Paiva, 1998).

CONCLUSÕES

A partir dos depoimentos recolhidos, foi constatado que o movimento lésbico,



segundo as próprias lésbicas, não tem uma representatividade considerável. Fato este que não se restringe ao âmbito acadêmico. A invisibilidade está presente na vida política formal e na pública em geral. Apesar de serem 51,95% do eleitorado no país, a porcentagem das mulheres no Congresso Nacional do Brasil não chega a 10%, de acordo com os dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Nas palavras de Christine Delphy, no Dicionário Crítico do Feminismo:

[...] o patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres. Essas expressões, contemporâneas dos anos 70, referem-se ao mesmo objeto, designado na época precedente pelas expressões “subordinação” ou “sujeição” das mulheres, ou ainda, “condição feminina” (DELPHY, 2009, p. 173)

As entrevistadas identificaram e analisaram determinadas opiniões e valores, reflexos da realidade opressora e machista. Nota-se, portanto, a importância e a necessidade de abordar assuntos que contemplem esse movimento, não de forma separatista, mas numa tentativa ética de incluir a ele e a suas pautas à sociedade de forma natural, para que, cada vez mais, lésbicas passem a ser vistas como cidadãs – e não como objetos do fetiche masculino,

pensamento fruto do machismo e da heteronormatividade patriarcal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Gláucia E. S. de. **Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do “corpo lésbico” na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e Aids.** Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DELPHY, C. Patriarcado. In: HIRATA, Helena et. all. **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

GONÇALVES, Andréa L. **História e Gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade.** 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

IBGE. Anuário estatístico de 2013. Rio de Janeiro. IBGE, 2013.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEEKS, Jeffrey. **Same Sex Intimacies:** Families of Choice and Other Life Experiments. London: Routledge, 2001.

